

HISTÓRIA NA ESTÓRIA OU ESTÓRIA NA HISTÓRIA? A INFERÊNCIA DO ACONTECIMENTO FACTUAL NO UNIVERSO FICCIONAL DAS TIRINHAS DE *ARMANDINHO*

Marcos Antonio Corbari¹

Denise Almeida Silva²

RESUMO: Este texto analisa a ficcionalização da história e historicização da ficção a partir do cronismo opinativo característico das tirinhas de jornal. O corpus analítico é constituído por tiras da personagem *Armandinho*, de Alexandre Beck, que aludem à reforma do Ensino Médio e à proposição da PEC que congelaria investimentos em Educação por 20 anos. Busca-se apoio teórico para este estudo no pensamento de Paul Ricouer, Maurice Halbwachs e Michael Pollak.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; tirinhas; memória; história; ficção.

ABSTRACT: This text analyzes the fictionalization of history and the historicization of fiction in the context of the characteristic opinionated chronicle of newspaper comics. The analytical corpus consists of strips of the character *Armandinho*, created by Alexandre Beck, which allude to High School reform and to the proposition of the PEC that would freeze investments in Education for 20 years. Theoretical support relies on the thought of Paul Ricouer, Maurice Halbwachs and Michael Pollak.

Keywords: Comics; comic strips; memory; history; fiction.

1. Para começo de conversa

A linguagem característica das *Histórias em Quadrinhos (HQs)* fundamenta um gênero textual muitas vezes menosprezado pelo espectro da marginalidade ou, quiçá, apontado como forma de arte menor. Porém, em seu desenvolvimento, flerta com diversos campos expressivos situados de forma mais nobre entre diversas variantes que partem do campo do texto escrito e suas literaturas à expressão sígnica das artes visuais e suas

¹ Mestrando em Letras, área de Concentração Literatura Comparada. URI – Frederico Westphalen, RS.

² Doutora em Letras pela UFRGS. Docente no Departamento de LLA da URI – Frederico Westphalen, RS. Orientadora deste trabalho, desenvolvido a partir da disciplina Ficção, História e Memória.

incontáveis possibilidades. A expressividade da *Arte Sequencial*, macro-campo que abriga o gênero *HQ*, permite possibilidades relevantes de abordagem do meio discursivo ao artístico. Através das *HQs*, argumentistas e ilustradores emulam outros gêneros textuais com sucesso, a citar-se em destaque o conto, o romance, a reportagem e a crônica. Interessa-nos sobremaneira esta última, na qual se coloca em voga o exercício da cronicidade pela metáfora visual dos *cartoons*, tão próxima, nos parece, da narrativa curta da crônica, cujo espelho expressivo encontramos na *tirinhas* de jornal (hoje também presentes em plataforma digital).

De modo geral a história se ampara em fatos registrados e/ou reconstruídos a partir de subsídios documentais, pelo discurso legado de suas personagens ou pela recuperação do viés interpretativo característico dos testemunhos, repassados pelos mais diversos sistemas de transmissão de geração à geração, abrigando muitas vezes o viés crítico, o qual não se poderia conceber de outra forma, em seu tempo, senão expresso implicitamente nas entrelinhas do discurso artístico. Nesta análise nos deteremos a refletir questões que permitirão a abordagem e o questionamento a respeito da historicização da ficção e da ficcionalização da história, a partir do cronismo opinativo característico das *tirinhas* de jornal, em particular da personagem Armandinho, protagonista das tirinhas homônimas, de autoria do ilustrador e argumentista Alexandre Beck.

2. Apresentando o objeto de estudo

Desde que as Histórias em Quadrinhos (HQs) encontraram sua gênese, dando às técnicas da *Arte Sequencial* a exposição como produto cultural reproduzido em série, inicialmente nas páginas de jornais e posteriormente em publicações dedicadas exclusivamente a este tipo de expressão narrativa, é inegável sua utilização como elemento de cronismo social. Ao longo de mais de século de veiculação³, a plataforma expressiva que sequencia imagens para reproduzir uma mensagem específica ou delinear as nuances de um enredo narrativo específico, propôs interessantes aproximações com diversos campos da

³ Leva-se em conta a publicação do personagem Yellow Kid, de Richard Felton Outcalt, em 13 de outubro de 1896, nos jornais de Willian Randolph Hearst, como o o pontapé inicial das HQs, fazendo “convergir as características finais que permitiram o surgimento da definição padrão do que vem a ser uma história em quadrinhos. A principal dentre elas é o surgimento dos balões e legendas integrados ao texto, tornando a leitura decididamente mais fluida” (PATATI; BRAGA, 2006, p. 15).

expressão cultural e da comunicação. HQs, há muito, não são apenas “coisa de criança”, como por muito tempo alguns supuseram. Dan Mazur e Alexander Danner lembram-nos que “a propensão a contar histórias com figuras, combinando imagem e texto, parece universal (...) seja lá como alguém deseje definir a gênese dos quadrinhos, ela é profundamente transnacional” (2014, p.07). Consideremos ainda que:

[...] as HQs começaram a passar de “produto” comercializado para um público tão amplo quanto possível a meio de expressão, feito por pessoas que queria contar histórias e desenhar, na esperança de encontrar um público receptivo. Essa dicotomia é, naturalmente, simplista; as histórias em quadrinhos como “expressão” não substituíam as histórias em quadrinhos como “produto”, mas os dois estilos passaram gradualmente a compartilhar o mesmo espaço. (MAZUR; DANER, 2014, p. 9)

Existe tentativa de dividir a Arte Sequencial em dois grandes segmentos expressivos: um que se vincula ao campo ficcional e caracteriza-se pela imersão na fantasia, no surreal, no inusitado; o outro segue direção interpretativa diferente, atrelando-se, como produto cultural, ao flerte com o real, à abordagem crítica frente a costumes, situações e fatores concretos que vão permear a narração da história para além da figuração da estória. Quando nos referimos às Histórias em Quadrinhos e suas diversas variações expressivas enquanto arte ou enquanto mecanismo midiático, essa distinção não se estabelece de forma tão clara, permitindo que o fantástico e o real aproximem-se, postem-se em paralelo e até entremeiem-se um no outro.

Carlos Patati e Flávio Braga, em seu *Almanaque dos quadrinhos*, sintetizam bem o panorama expressivo das HQs, explicando que evoluindo “ [...] de uma estrutura básica, que reúne cenas em que as falas dos personagens estão contidas na área do desenho conhecida como balões (*balloons*) devido a sua forma circular clássica, as HQs se tornaram mídia gráfica de experimentação artística refinada” (2006, p. 9). Os autores enfatizam:

O impacto cultural dos quadrinhos, mídia barata e de grande alcance de público, foi tanto imediato quanto duradouro. As histórias em quadrinhos foram, e são ainda, importante ferramenta na construção do imaginário coletivo dos povos ocidentais e orientais. Hoje, diversas HQs são consumidas em escala de massa, com larga variedade de opções de temáticas e de tratamento, embora nenhuma nas escalas gigantescas do passado. Há uma reavaliação do problema de criar produtos para uma variedade de leitores interessados em assuntos diversos, diferente do período inicial, particularmente no período de implantação das HQs na imprensa, no início do século XX. (PATATI; BRAGA, 2006, p. 12)

Se isolarmos o campo das histórias em quadrinhos apenas quanto à sua capacidade expressiva, encontraremos propostas interessantes de enquadramento enquanto gênero. Ali teremos as tiras de jornal, a charge, o *cartoon*, as histórias curtas independentes e ainda as histórias longas (novelas gráficas). Fato é que, ainda conforme Patati e Braga, “...os quadrinhos continuam sendo um celeiro de ricas elaborações culturais que transitam pela sociedade em diversos níveis de significação e penetração” (2006, p. 9).

Inquieto, curioso e contestador, Armandinho foi criado pelo argumentista e ilustrador brasileiro Alexandre Beck. Desenvolvido entre 2009 e 2010, a personagem inicialmente foi publicada e veiculada em jornais do estado de Santa Catarina. Com a exposição das tirinhas na internet, primeiro no perfil pessoal de Beck no *Facebook* e depois na *fanpage* própria da personagem, ganhou status e reconhecimento nacional que tem segmento até os dias atuais. *Armandinho* foi/é publicado em jornais como *Diário Catarinense*, *Zero Hora*, *Pioneiro*, *Diário de Santa Maria*, *Jornal de Santa Catarina*, *Hora de Santa Catarina*, *A Notícia* e tem mais de 950 mil curtidores seguindo sua *fanpage* no *Facebook*. As tirinhas da personagem são inseridas com frequência também em materiais didáticos e utilizadas como argumento em provas de seleção escolar, universitária e profissional. Ganhou também publicações dedicadas, com dez volumes de coletâneas que reúnem as *tirinhas* desde o início de seu processo criativo até o final de 2016, editadas sob o selo *Artes & Letras Comunicação*, do próprio autor, o que lhe garante a manutenção do status de independência em relação às possíveis pressões que o mercado editorial poderia exercer sobre argumentos de natureza crítica.

O menino de idade escolar, cabelos azuis e cabeça grande (ver Tirinha 1) é constantemente comparado, pela forte personalidade expressa nos enredos propostos por seu autor, a personagens internacionalmente reconhecidos como Mafalda (*Mafalda*, de Quino), Charlie Brown (*Peanuts*, de Charles M. Schulz) ou Calvin (*Calvin and Hobbes*, de Bill Watterson). Acerca da personagem, Schwertner (2016) ajuíza:

Armandinho (...) tem explorado as contradições entre o mundo adulto e o mundo infantil, especialmente aquele que se articula por meio do espaço da escola. Carismático, inteligente, perspicaz e surpreendente, Armandinho aparece em muitas ilustrações desafiando os adultos (que sempre aparecem representados por sapatos e

pernas, mantendo o ângulo de visão a partir da altura da criança) com suas perguntas desconcertantes.

A título de introdução da personagem, veja-se a Tirinha 1:

Tirinha 1: Personagem sensível e questionador



Fonte: Armandinho Três, 2014, p. 29.

Como se compreende, ao encontrar-se com um mendigo e responder a um possível pedido de auxílio, o pai de Armandinho desculpa-se, e afirma não ter nada a doar ao necessitado então. Evidentemente, refere-se a questões materiais, como usualmente é interpretado um pedido de auxílio. O menino, porém, faz distinção entre o ter que é evidenciado em bens materiais, e o que se concretiza através de bens afetivos. Ao oferecer um abraço, ressalta a importância destes últimos, os quais estão à disposição de todos – basta um olhar de empatia. A ação ironicamente literaliza a palavra “amigo”, usada por seu pai mais como expressão de falsa cordialidade do que devido ao seu sentido primeiro.

Entre as pautas abordadas através das *tirinhas* que, segundo o próprio autor, não tem intenção de criar conotação de humor, mas, sim, reflexão a respeito de pontos de vista e posicionamentos que ele entende necessários serem debatidos⁴, recorrem os seguintes temas: preconceito racial, intolerância religiosa, homofobia, machismo, violência urbana, preservação do meio ambiente, educação inclusiva, diversidade cultural, defesa da

⁴ Afirmação presente em respostas à entrevista concedida ao portal Notícias do Dia / Rádio Plural, disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/blog/radio-plural/alexandre-beck-criador-do-personagem-armandinho-fala-sobre-politica-e-censura>

democracia, liberdade de opinião e manifestação, alimentação saudável, vegetarianismo, entre outros.

3. Direto ao ponto!

Escolhemos para compor essa amostragem temática cinco tiras publicadas originalmente na *fanpage* da personagem *Armandinho* publicadas no ano de 2016, entre os meses de agosto e outubro, de modo que foi possível associar a referência temporal das temáticas propostas com as pautas específicas que eram manifestas pelos meios de comunicação. A relação inferencial entre a pauta factual que se desenvolvia no campo político-social naquele momento e o universo ficcional da personagem e seus pares de campo expressivo estava particularmente centrada na editoria de Educação, a protestos e ocupações realizados por alunos secundaristas e universitários, aos mecanismos de repressão utilizados pelo estado para desconstituição do movimento que o questionava, bem como do próprio elemento gerador das ações de desobediência civil empreendidas pelos manifestantes: a reforma do Ensino Médio e a PEC que limitaria investimentos em diversos setores – entre eles a Educação – por 20 anos.

A apresentação dos objetos de estudo proposto vem acompanhada de uma análise sintética, porém de boa monta, para iniciar a proposta e prospectar investigações futuras mais abrangentes. Dada a vinculação das tirinhas ao contexto temporal e histórico já especificado, parece-nos que tais tirinhas propiciam um exemplo privilegiado das relações entre historiografia e ficção. Assim, após a discussão inicial de cada tira, busca-se em Paul Ricoeur o entendimento a respeito de como a história se ficcionaliza, bem como a ficção se historiciza. Dele também esperamos encontrar justificativa do sentido narrativo que vai anteceder a interação entre o campo concreto (a história enquanto fato, domínio do mundo real) e o campo simbólico (a estória enquanto expressão, reconstituindo o fato a partir do imaginário). Por outro lado, ante a necessidade de pensar a representação simbólica da personagem e sua identidade com forte viés questionador frente às pautas de seu tempo, buscamos nos escritos de Maurice Halbwachs. Amparamos no sociólogo francês a perspectiva de construir pontos de referência concretos na construção referencial da memória e da história, a partir do que

disporemos a inserção da arte engajada na dinâmica de leitura e interpretação de mundo, como inferência para a viabilização do cronismo característico das *tirinhas*. Já de Michael Pollak pretendemos evocar a ideia da existência de memórias subterrâneas que se sustentam através de mecanismos de projeção futura como a oralidade.

A incidência da pauta sobre educação, com variantes que versaram sobre ações diretas de protesto de alunos, reação violenta do estado através de forças policiais, bem como os possíveis efeitos prejudiciais da referida PEC 241 (depois renomeada para PEC 55) ainda estiveram presentes de forma direta ou indireta em outras *tirinhas* da personagem *Armandinho*, sendo também objeto de crítica do seu autor em seu perfil pessoal no período. Pela limitação de espaço disponível a construção deste texto, optamos por delimitar a análise aos cinco objetos apresentados, onde nos parece bastante clara a inferência do factual dentro do universo ficcional da personagem. Para melhor identificar as tira, retiramos, de cada uma delas, uma palavra que nos parece sintetizar as ideias em debate.

Tirinha 2: “Patificar”



Fonte: Tira publicada na fanpage da personagem em 20 de setembro de 2016.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/1291925287519441:0>>

Publicada em 20 de setembro de 2016, a tirinha acima reflete o cenário da proposta do Governo Federal, através do Ministério da Educação, de reforma do Ensino Médio. À época registravam-se uma série de manifestações contrárias, tanto da parte de educadores quanto de educandos, questionando a supressão da obrigatoriedade de disciplinas de matriz reflexiva. O discurso narrativo expresso na tirinha se mostra incisivo e a crítica social é exposta de forma direta a partir do questionamento de Armandinho (“Mudar o currículo da escola?”), cuja resposta remete a posição contrária do quadrinista à proposta do governo (“sim... pra gente

pensar menos e obedecer mais”). A época muitas escolas secundaristas e universidades encontravam-se ocupadas por alunos que protestavam contra o projeto de reforma do Ensino Médio e também contra uma proposta de emenda à Constituição (PEC) que propunha o congelamento de investimentos em Educação (entre outras áreas) por 20 anos, sendo reprimidas com violência por forças policiais. O argumento do governo é expresso no quadro seguinte (“pacificar o país”), sendo no mesmo quadro questionado com trocadilho irônico (“está mais para *patificar* o país”, grifo nosso). A imagem também é simbólica, pois no sentido para onde se deslocam as crianças, encontram um soldado fardado e armado interrompendo o caminho, representando a repressão violenta do estado frente os protestos pacíficos desempenhados pelos alunos à época.

Tirinha 3: “Temeroso”



Fonte: Tira publicada na fanpage da personagem em 22 de setembro de 2016

Disponível em: < <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/1293479000697403>: >

Publicada na *fanpage* em 22 de setembro de 2016, a tirinha apresenta reflexão que questiona a pauta de um projeto de mudanças no ensino médio, suprimindo disciplinas que instigam os alunos à reflexão crítica. Na micronarrativa as crianças pesquisam em um livro o sentido das disciplinas Filosofia (“pode ensinar a questionar”), História (“pode ensinar com o passado”) e Sociologia (“pode mostrar a verdade sobre a sociedade”), fechando a fala com uma carga de ironia que remete ao nome do presidente da república Michel Temer, quando a personagem assinala que “para alguns isso é extremamente *temeroso*” (grifo nosso). O trocadilho com o nome do presidente Temer nos leva a interpretação de porque ele teria preocupação (ou temor) com disciplinas escolares que pressupostamente ensinam a questionar, a interpretar o passado ou a descobrir a verdade sobre a sociedade.

Tirinha 4: “Autômatos”



Fonte: Tira publicada na fanpage da personagem em 23 de setembro de 2016.

Disponível em: < <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/1293877847324185:0> >

Publicada na *Fanpage* em 23 de setembro de 2016, esta tirinha dá continuidade à reflexão anterior. Aborda agora a supressão da obrigatoriedade de disciplinas como Artes e Educação Física (“a liberdade de pensar, criar, se conhecer”), remetendo a mensagem crítica ao objetivo anunciado pelo governo de privilegiar uma educação com maior foco na profissionalização e inserção do jovem no mercado de trabalho (“em nome do deus mercado”). No quadro seguinte o autor volta a utilizar recurso do trocadilho linguístico, trazendo na voz da personagem a interpretação de que o verdadeiro objetivo do projeto proposto pelo governo seria a limitação da capacidade de autonomia do povo (“querem impedir que sejamos *autônomos* e nos reduzir a *autômatos*”, grifo nosso).

Tirinha 5: “Eles”



Fonte: Tira publicada na fanpage da personagem em 25 de agosto de 2016.

Disponível em: < <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/1269123939799576:0> >

Em 25 de agosto de 2016, a pauta da educação no Brasil também foi tema das *tirinhas* do *Armandinho* e sua turma. Utilizando o recurso da decoloração do personagem (instrumento utilizado pelo autor quando da abordagem de pautas excessivamente depreciativas) Beck insere na micronarrativa o tema da “escola sem partido”, viés interpretativo de movimentos liberais de direita que propõem a abordagem tecnicizada do ensino, excluindo a reflexão e o questionamento especialmente a partir da visão de historiadores, pedagogos, filósofos e sociólogos de orientação crítica. A personagem aponta a proposta como “nome fantasia” para uma ação que tem por objetivo apenas a condução dos estudantes ao não-questionamento. “Eles morrem de medo de gente que pensa”, conclui a personagem monocor, deixando em aberto pela interrogação de uma de suas interlocutoras quem seriam “eles” (movimentos, partidos políticos, governo?).

Tirinha 6: “Michel”



Fonte: Tira publicada na fanpage da personagem em 26 de outubro de 2016.

Disponível em: < <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/1323466741031962:0> >

Em 26 de outubro de 2016, uma nova alegoria traz a pauta factual da PEC que congelaria os investimentos em Educação e outras áreas no país por 20 anos, oferecendo agora uma interessante figura intertextual. Na micronarrativa o menino mostra-se encantado com um grande presente, um cavalo de pau que relembra em muito a ideia do “Cavalo de Troia”. O suposto “presente” foi enviado por um remetente de nome “Michel” (relembrando o nome do presidente, Michel Temer) e sugere que assim como o seu párea enviado pelos Gregos aos Troianos durante a Guerra de Troia, contendo soldados inimigos em seu interior, este também poderá trazer surpresas desagradáveis à população apesar do formato amigável.

Para não ficar dúvidas na construção interpretativa do leitor, o cavalo de pau traz consigo uma fita verde-e-amarela (semelhante a faixa presidencial) e a inscrição “PEC 241” pintada no corpo.

4. Armandinho, entre a história e a ficção

As *tirinhas* analisadas vinculam, à proposta da livre-criação artística, o compromisso opinativo de um mediador social que deve também trazer para dentro do enredo de suas personagens as reflexões inerentes a sua época. O quadrinista, assumindo o papel de artista criativo e um cronista social de seu tempo, admiravelmente exemplifica a proximidade entre as intenções do historiador e as do artista quanto à ação narrativa. Entendemos serem pertinentes, para a análise desse diálogo, os pressupostos teóricos de Ricoeur, tanto por seus raciocínios acerca da ficcionalização da história e a historicização da ficção, como pela representatividade que o filósofo aplica à figura do leitor, incluso como ator no processo interpretativo para viabilizar a compreensão do tempo.

O quadrinista, desde seus primeiros traços, tem que estabelecer uma relação de cumplicidade com seus leitores, baseada não apenas nos pressupostos de compreensão, mas também na apreensão de particularidades implícitas no discurso expresso através de suas personagens. Encontramos neste ofício criativo um cenário ideal de pertença à proposta teórica de Ricoeur (1997), firmando a ideia de que história (no nosso caso o fato) e ficção (no nosso caso o universo das personagens) vão trabalhar ambos com a ação da leitura no processo de reconfiguração do tempo. O texto então se efetua ao complexificar em sua composição o momento histórico e a construção do imaginário pelo ato de interpretação e representação criativa do autor/artista, balizado pela apreensão executada pelos seus leitores no protagonismo da leitura.

Acerca do que conjecturamos acima, projeta-se, ainda através do mesmo autor, o princípio analítico da ficcionalização da história. Aqui podemos considerar a construção da micronarrativa da *tirinha*, disposta a partir do ângulo da interpretação do fato histórico específico que lhe serve de cenário e tema (no caso os protestos de estudantes, a reforma do ensino médio, a proposição da PEC que congela investimentos) reforçando a inversão do

aspecto imaginário como difusão da ficcionalidade pelo atrelamento ao factual em debate no ambiente político-social a que o enunciado vai se dirigir. O imaginário passa então a ser decisivo:

Reencontramos o poder que a ficção tem de provocar uma ilusão de presença, mas controlada pelo distanciamento crítico. Também aqui cabe ao imaginário de representância “pintar” “colocando diante dos olhos”. O fato novo é que a ilusão controlada não está destinada a agradar nem a distrair. (RICOEUR, 1997, p. 326/327)

A *tirinha* da personagem *Armandinho* vai-se inscrever como referencial concreto a ser considerado em diversas possibilidades de leitura histórica nas quais o leitor, distanciado do momento presente do acontecimento, poderá encontrar o recorte composto a partir da interpretação do autor para a representação da temática ou do fato em si. O imaginário torna-se aqui um conector entre o tempo vivido (e os diversos campos da experiência social que o compõem) e o tempo do mundo, este atrelado à subjetividade das interpretações e representações. Ao exercer sua interpretação do fato e trazê-la representada nas *tirinhas* ficcionais de suas personagens, Alexandre Beck produz o fenômeno do rastro, conferindo ao seu texto o valor de efeito-signo, como operador do tempo, construindo figuras de sentido capazes de tornar-se complemento para suprir lacunas de conhecimento. Observamos ainda que as *tirinhas* enquanto produto simbólico adquirem caráter de mecanismo de preservação da memória histórica, colocando-se em proximidade com outros textos de caráter informacional e/ou crítico, como noticiosos (notícias e reportagens) ou interpretativos/opinativos (como crônicas, artigos e charges).

(...) a ficção se põe a serviço do inesquecível. Ela permite que a historiografia se iguale a memória, pois uma historiografia pode ser sem memória, quando só a curiosidade a anima. Ela tende então ao exotismo, o que nada tem de repreensível. (...) Mas talvez haja crimes que não se devem esquecer, vítimas cujo sofrimento peça menos vingança do que narrativa. (RICOEUR, 1997, p. 326/327)

Quando invertemos o olhar, passando a atentar à historicização da ficção, a relação com o objeto de estudo da presente análise nos parece ainda mais clara. “Contar alguma coisa, diria eu, é conta-la como se ela se tivesse passado”, reflete Ricoeur (1997, p. 328). Se,

conforme aponta o autor, o tempo não tem função além de organizar a narrativa através de seus indícios, também notaremos que – como já explicado acima – o ficcional terá função de remeter a significados temporais que não poderão ser percebidos de outra forma que não como elementos-guia dentro da narrativa, no nosso caso a micronarrativa da tirinha. O pacto entre leitor e autor destaca, como nos apresenta Ricoeur, uma ideia de que:

(...) podemos dizer que ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia. A história é quase fictícia, tão logo a quase-presença dos acontecimentos colocados “diante dos olhos” do leitor por uma narrativa animada supre, por sua intuitividade, sua vivacidade, o caráter esquivo da passionalidade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase histórica, na medida em que os acontecimentos irreais que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é assim que eles se parecem com acontecimentos passados e a ficção se parece com a história. (RICOEUR, 1997, p. 328)

Nas tirinhas analisadas podemos observar uma relação direta de complementariedade entre o histórico e o ficcional dentro da voz narrativa utilizando: o ficcional (as personagens e seus enredos) remetem ao histórico (os fatos que pautam a construção discursiva e o cronismo social ali representado. Por outro lado, a história está assemelhada à ficção pela presença do acontecimento factual (o protesto dos estudantes, a repressão violenta, a proposição da PEC que congela investimentos) que tem sua interpretação complementada pela voz narrativa do autor através das figuras de sentido construídas pela interpretação de suas personagens ficcionais. Ambos os sentidos da interpretação estarão entrecruzados pelo protagonismo do leitor, que será o terceiro e decisivo elemento nessa relação, atuando na inferência de sentido da *tirinha*. Esta, por sua vez, é pautada pela informação factual, tanto quanto o informe factual vai ser representado através do universo ficcional das personagens que a compõem.

5. *Armandinho*, entre a memória coletiva oficial e memórias subterrâneas: uma “outra” história é possível

Em 2013 e 2014 nos detivemos a conjecturar a forma como as histórias em quadrinhos serviam como plataforma ideal do que chamamos *mídia militante*⁵, na qual versões transgressoras da história convencional pelas oficialidades eram não raras vezes expressas nas entrelinhas de narrativas ficcionais. Nosso objeto de estudo naquele período versava sobre a inserção de caracteres crítico-sociais da opressão no cotidiano latino-americano dos anos 1950, 1960 e 1970 na obra de ficção científica de Héctor German Oesterheld e Solano Lopez (depois Alberto Breccia) *O Eternauta*⁶, bem como na expressividade informacional dada às vozes das comunidades árabes na Palestina e Afeganistão pelas reportagens em quadrinhos produzidas pelo maltês Joe Sacco⁷ e pelos franceses Lefèvre, Guibert e Lemercier⁸. No presente, nos deparamos em tempo real, com relatos subversivos, expressos em diversos campos da mídia alternativa, que contrariam o discurso hegemônico da oficialidade, reproduzido através dos grandes meios de comunicação. Uma “outra” história passa a ser contada através da mediação dos cronistas sociais deste tempo, dos artistas, escritores, músicos, ilustradores, etc. Parece-nos inegável que, entre as narrativas que se convertem em testemunhos subjetivos para a narração desta “outra” história, está Alexandre Beck e a sua personagem *Armandinho*, cuja interpretação dos fatos que acontecem a seu tempo ganham ares de provocação propostas à luz do ver, agir, interagir, refletir, interpretar e representar com as coisas do mundo à sua volta.

Com Maurice de Halbwachs aprendemos o conceito de memória coletiva, que nos parece útil ao analisar a representação simbólica do menino inquieto e questionador ao interagir com seus amigos, professores e familiares através das pautas de seu tempo. Dispostos na posição de leitores, inserimo-nos no conceito proposto pelo sociólogo francês.

⁵ Corbari, Silva; Santos (2014) e Corbari ;Santos (2013), vide referências ao final do artigo.

⁶ O Eternauta (El Eternauta) é uma HQ de ficção científica escrita pelo argentino Héctor Germán Oesterheld com arte de Francisco Solano López, publicada originalmente em tiras na revista Hora Cero Semanal, entre 1957 e 1959. Seria reeditada em uma segunda versão pelo mesmo autor, com ilustrações de Alberto Breccia em 1965. Teve ainda uma terceira versão, novamente ilustrada por López em 1976, porém precocemente encerrada.

⁷ Palestina é uma reportagem em quadrinhos publicada originalmente em fascículos e depois reunida em livro pelo jornalista maltês Joe Sacco. A estrutura da obra remete as próprias experiências do autor em trabalho de apuração realizado em Israel e nos territórios palestinos ocupados entre 1993 e 1995.

⁸ A obra O Fotógrafo é resultado da experiência do repórter fotográfico francês Didier Lefèvre junto ao grupo Médicos Sem Fronteiras em incursões ao Afeganistão no período pré-taleban. Dessa experiência renderam registros fotográficos que originaram a série de três livros que compõem a série O Fotógrafo, obra complementada com roteiro/desenhos de Emmanuel Guibert e diagramação/cores de Frédéric Lemercier.

Para ele, a recordação e a localização das lembranças necessitam da apreensão dos contextos sociais que vão fundamentar a formação da memória. Aqui temos condições de evocar a ideia de que se faz necessário existir uma espécie de comunidade afetiva, onde se comungue essas referências, complexificando as memórias individuais e um novo contexto, de coletividade. Procuramos observar como as peças analisadas podem se fazer representar como subsídeo para a memória coletiva que já se possa perceber logo a frente do registro dos fatos cronicizados através das micro-narrativas das tirinhas. Reforça-se através de pontos distintos de referência, bastante concretos, como os monumentos, a arquitetura, as paisagens, datas e personagens históricas, além, é claro do campo cultural onde encontraremos figurações como as tradições e costumes, folclore e música, até mesmo tradições culinárias, entre outras. Especificamente no que se refere ao campo cultural, nos permitimos ampliar o alcance do discurso artístico, abarcando também linhas expressivas marginalizadas como no caso do nosso objeto atual de estudo, as *tirinhas* de jornal.

A inferência do fato concreto interpretado à luz do discurso dissonante da oficialidade pelo autor das micronarrativas selecionadas como amostragem deste trabalho nos obriga a retomar a reflexão do contrato de cumplicidade que precisa ser formulado entre autor, personagens, linha narrativa e leitor, construindo uma sociabilidade discursiva que estabelece um nível de compreensão comum entre os envolvidos, de modo a produzir a apreensão da informação, concorde-se com o viés opinativo do autor ou não. Imaginemos que há, entre os leitores de Beck, aqueles que comunguem – em maior ou menor nível – do ideal questionador de seu *Armandinho*; também devemos necessariamente imaginar que há entre seus leitores os que discordem e manifestem-se contrariamente ao seu interpretar; ambos, prós e contrários, podem ser constatados na *fanpage* da personagem no *Facebook*, cuja observação dos comentários propostos por leitores – que ao reagir de forma discursiva à publicação, tornam-se também interlocutores – buscando legitimar ou desconstituir o discurso do autor e da personagem. Para autor, personagem e leitor (aderente ou destoante) há um contrato implícito que gera proximidades inegáveis, desde o espaço da linguagem até a comunhão social de vivências, experiências e interpretações. Estará estabelecida, a partir disto, uma ideia central de memória coletiva, repartida entre os atores deste processo de comunicação e construção de significações.

Contudo, a noção de memória coletiva pode transmitir uma falsa impressão de que a sociedade, em seu todo, sempre compartilha as mesmas vivências e ideais. Michael Pollak vai destacar justamente o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional, contrariando em certo nível a proposição de Halbwachs. Para o austríaco, a memória subversiva se manifestará predominantemente através de um percurso silencioso e aflora em momentos de crise e distensão. Contudo, o que presenciamos em nosso tempo é a disputa concreta e contemporânea da memória entre o discurso presente na narrativa oficial, que tenta contar à história sob o ângulo do seu olhar interpretativo oficialesco, e o discurso subversivo dos campos opostos.

Em nossa tentativa de contextualizar mídia militante nos trabalhos prévios já citados, identificamos a comunicação como um campo em disputa por discursos divergentes. De um lado, estão a oficialidade e sua tentativa de construir legitimidade de sua proposta de poder, em relação à qual costuma haver concordância dos meios de comunicação hegemônicos, privilegiados por conveniências de matriz política ou mesmo por investimentos diretos de mídias governamentais. Estes negam espaço ou omitindo a existência de um discurso contraditório, questionador ou mesmo opositor; o contraponto haverá de encontrar mecanismos para sua expressividade, ainda que não reconhecida em caráter oficial.

Michael Pollak vai nos trazer a ideia da existência de memórias subterrâneas que se sustentam através de mecanismos de projeção futura como a oralidade. Essa noção de memória em disputa nos parece convir para construir uma interpretação do tempo presente como a apresentada nesta análise, no contexto de um campo oficial, que se esforça em firmar as suas verdades, sendo contraposto por um campo opositor que – por não encontrar espaço ideal para sua manifestação de ideia e leitura de mundo – vem há um bom tempo oferecendo elementos para que o consideremos como mídia militante (contribuição nossa ao debate), amparada aqui pela ideia de pré-existência de uma memória subversiva que a ampara. Observemos as palavras do sociólogo austríaco, em artigo publicado pela revista *Estudos Históricos*, referindo-se à manifestação da oralidade como registro histórico, fundamentada como recurso onde se amparam as memórias subterrâneas:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória

oficial”, no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia da marginalidade. (POLLAK, 1989, p.4)

No nosso tempo há grande número de plataformas expressivas onde o registro temporal pode ser executado e manifesto o testemunho do discurso contrário à oficialidade às próximas gerações, de modo que nos permitimos associar aos demais expedientes da expressão contestadora presentes nas narrativas do nosso tempo, bem como – ainda que por suposição – as tirinhas de Armandinho e suas micronarrativas permeadas pela contestação apresentam-se como elementos potenciais à fundação de referenciais a integrar no futuro as memórias subterrâneas referentes ao período atual de tempo.

6 Considerações finais

Encontramos no amparo analítico da amostragem de *tirinhas* da personagem *Armandinho* e seus diálogos intertextuais com as pautas concretas do seu tempo de publicação, elementos de interesse potencial para espelhar nos conceitos apresentados pelos referenciais teóricos consultados – Ricoeur, Halbwachs e Pollak. Um primeiro desafio foi a natureza do objeto, o qual não é referido nos textos originais dos autores que nos fundamentam. O segundo desafio foi a referenciação em si, pois o escopo teórico foi baseado em referenciais passados, em testemunhos ou subsídios que se fariam matéria prima para interpretações a posteriori do que é ou viria a ser memória e/ou história, bem como sua relação com o artístico enquanto figura literária. Nosso objeto é atual, contemporâneo, e se inscreve no rol de interpretações como uma figura de sentido de seu tempo, uma representação que não se presta a refletir o passado e, sim, significar e interpretar o presente. Parece-nos necessário, ao conduzir as considerações finais desta análise, lembrar que o registro histórico também se alimenta do produto noticioso e do produto artístico; ressalte-se o caráter de mediação do real que ambos – cada qual com suas particularidades – executa. As tiras, exercendo um misto de arte e informação, têm como destaque o viés interpretativo e o necessário exercício do cronismo opinativo através da linguagem híbrida que reúne – em primeiro plano – a imagem e o texto, assim como – em segundo plano – o ficcional e o real. A construção desta relação se dá através de um terceiro protagonismo, em grau de importância

equivalente, que é aptidão do leitor à interpretação dos recursos expressivos e dos referenciais discursivos ali inseridos, firmando o tripé preconizado por Ricoeur, que evoca a relação entre autor, obra e leitor.

A apropriação do expediente artístico para a expressão de discursos de ordem dissonante da oficialidade se faz afirmar pela figura simpática e aparentemente ingênua do menino de cabelos azuis, nos conduzindo a rememorar os mais diversos exemplos em que a literatura e as demais manifestações da arte prestaram-se ao registro crítico e/ou até mesmo subversivo, contrariando as afirmações hegemônicas predispostas à oficialidade. Armandinho nos convida à reflexão, em tempo próximo ao real, dos fatos concretos que podem parecer dissimulados através da publicidade oficial e mesmo da relação espúria que se constrói através dos meios de comunicação que recebem investimento governamental, onde o alcance do acontecimento pela proximidade temporal é passível de ser verificado pelo leitor que assim o pretender. A memória – que se forma neste tempo e que vai ser refletida no futuro – entra em clara disputa entre o discurso oficial e o campo crítico que o contesta, assim como as mais diversas ramificações que sustentam um e outro.

Não nos estenderemos mais a este respeito nestes escritos, mas deixamos aberta aqui a possibilidade de desenvolvimento de um estudo específico para debater os conceitos de Halbwachs e Pollak frente à memória em disputa no efervescente cenário do campo político-social brasileiro no período pós-golpe de 2016. Consideramos incontestes a utilidade das leituras que norteiam o referencial deste artigo – em especial Ricoeur – no sentido de identificar a posição criativa de Alexandre Beck como um intérprete dos fatos de seu tempo, construindo alegorias que concretizam nos micro-enredos da sua personagem *Armandinho* a leitura das pautas factuais e a forja de um elemento de representação simbólica muito rico enquanto formatação discursiva dissonante da oficialidade, pertencente a formação de uma memória coletiva contraditória ao *status quo* das instâncias de poder, talvez até mesmo – como arriscamos conjecturar no desenvolvimento do texto – dando base a um movimento de memória subterrânea, posições que somente o distanciamento temporal maior em relação aos fatos registrados e representados poderá nos responder.

Referências

BECK, Alexandre. *Armandinho três*. Florianópolis: Arte & Letras Comunicação, 2014.

BECK, Alexandre. *Fanpage Armandinho*. Disponível em:
<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/> . Consulta em 30/07/2017.

CORBARI, Marcos Antonio; NIEDERAUER Silvia Helena Pinto. Das tirinhas para a sala de aula: a leitura de Armandinho, à luz de Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro, de Edgar Morin. In: *Acta*. Novos olhares: Leitur@, ensino & mundo digit@1, URI, 2017. Disponível em: <http://www.fw.uri.br/NewArquivos/publicacoes/publicacoesarquivos//264.pdf> Consulta em: 30/07/2017.

CORBARI, Marcos Antonio; SANTOS, Ébida Rosa dos. Jornalismo em Quadrinhos: uma plataforma expressiva que se consolida como mídia militante. In: *Anais*. IX Encontro Nacional de História da Mídia, UFOP, 2013. <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-alternativa/jornalismo-em-quadrinhos-uma-plataforma-expressiva-que-se-consolida-como-midia-militante> . Consulta em: 30/07/2017.

CORBARI, Marcos Antonio; SILVA, Edevandro Sabino da; SANTOS, Ébida Rosa dos. Militância em Quadrinhos: considerações a partir H.G.Oesterheld. In: *Anais*. V Encontro Regional Sul de História da Mídia, UFSC, 2014. Disponível em: <http://alcarsul2014.sites>. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-alternativa/jornalismo-em-quadrinhos-uma-plataforma-expressiva-que-se-consolida-como-midia-militante>. Consulta em: 30/07/2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. *Quadrinhos: história moderna de uma arte global*. São Paulo: Martins fontes, 2014.

MUNER, Camila Rocha. O tempo na história e na ficção. *Revista FronteiraZ*, n.2, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12609/9184> . Consulta em: 30/07/2017.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. *Almanaque dos Quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> . Consulta em: 30/07/2017.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Tomo III*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

SCWERTNER, Suzana Feldens. Quando perguntar inquieta: banco de perguntas como estratégia de ensino. *Revista Signos*, , Lajeado, ano 37, n.1, 2016. P. 141-152.